

“Tatuagem de piranha”: o que isso quer dizer sobre raça, classe, gênero e corpo na sociedade brasileira

Flávia Cunha da Silva (PPCIS/UERJ)¹

Resumo: A tatuagem tem sido amplamente analisada na antropologia contemporânea a partir de suas relações com processos de subjetivação e construção de identidades nas cidades (OSÓRIO, 2005). No entanto, a tatuagem ainda é pouco explorada sob as formas pelas quais os sistemas de poder, especialmente aqueles articulados a branquitude (BENTO, 2002), as atuais crescentes ondas conservadoras e liberais, atravessam os processos envolvidos no processo de tatuar-se. Considerando o corpo como um território em constante disputa, este trabalho analisa a categoria êmica “tatuagem de piranha”. Essa categoria foi identificada durante trabalho de campo realizado em um estúdio de tatuagem na cidade de Niterói/RJ, na zona sul, entre 2016 e 2017, para compreender os limites morais, éticos, subjetivos e estéticos, impostos à autonomia corporal feminina. A partir de treze entrevistas em profundidade, observação participante e a confecção de uma etnografia com mulheres jovens, brancas, de classe média, com formação universitária e com pelo menos uma tatuagem, examino como a categoria “tatuagem de piranha” opera simultaneamente como acusação racializada, generificada e periferizada, atuando como imagem de controle (COLLINS, 2019) e parâmetro de distinção estética. Argumento que a rejeição à “tatuagem de piranha” por parte das entrevistadas revela não apenas normas de gênero e sexualidade, mas também hierarquias de gosto atravessadas pela branquitude, nas quais a busca por diferenciação estética se articula à produção de respeitabilidade e superioridade racial, simbólica e material. O artigo contribui para o debate sobre corpo e subjetividade, moralidade, estética, ética e interseccionalidade, ao evidenciar como a tatuagem se constitui como um campo privilegiado de negociação entre desejo de singularização e regimes normativos de feminilidade.

Palavras chave: Antropologia; raça; tatuagem

Introdução

Este artigo discute a categoria êmica *tatuagem de piranha*², identificada a partir do trabalho de campo (2016-2017) realizado durante o meu mestrado em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ, no qual pesquisei a “tatuagem feminina” na cidade de Niterói/RJ³. A

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² O termo “tatuagem de piranha” foi usado diversas vezes pelas entrevistadas, pelas clientes do estúdio e pelos tatuadores. Adotei “tatuagem de piranha” como um recurso de escrita para a análise, mas algumas variações que apareceram foram “tatuagem de vagabunda”, “tatuagem de vadia”, “tatuagem de puta”, entre outras. Essas categorias descreviam de forma semelhante alguns tipos de desenho, estilos de tatuagem e, principalmente, as mulheres que as carregavam. As categorias êmicas estão em itálico e as expressões observadas em campo estão entre aspas ao longo do artigo.

³ A respeito da categoria “tatuagem feminina” é importante destacar que não se trata de “um estilo propriamente dito, mas faz parte de um referencial compartilhado por pessoas que possuem, pensam e/ou trabalham com tatuagens e consiste na principal diferenciação entre as categorias de tatuagem, como pude observar: a tatuagem e a tatuagem feita em mulheres” (Silva, 2018, p. 10). Embora a categoria tatuagem seja associada a aquelas feitas em homens, ela é entendida como uma categoria neutra, universal e não-racializada.

dissertação foi desenvolvida a partir da interseccionalidade enquanto ferramenta analítica, metodologia e teoria social crítica (COLLINS, 2022) para situar as formas complexas pelas quais os discursos sobre essas tatuagens apareceram em campo, em um estúdio de tatuagem localizado na zona sul da cidade, e por meio da realização de treze entrevistas em profundidade com mulheres brancas cisgêneras, clientes de estúdios de tatuagem, na faixa etária entre 20 e 30 anos, heterossexuais ou bissexuais, com formação universitária e que possuíam pelo menos uma tatuagem.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o uso da tatuagem, especialmente nos discursos das entrevistadas, era marcado por dois aspectos fundamentais: a busca pela diferenciação e singularidade e a forma como essa busca era atravessada por marcadores de gênero, raça, classe social, entre outros. Ao longo do trabalho de campo, tornou-se evidente que as avaliações sobre tatuagens não eram formuladas apenas a partir de critérios técnicos ou preferências individuais, mas também por meio de classificações sociais que definiam o que seria uma "boa tatuagem", quais corpos seriam considerados adequados para recebê-la e quais tatuagens deveriam ser evitadas.

Argumento que essas classificações são organizadas por um regime estético produzido pela branquitude brasileira (BENTO, 2002), no qual existe uma suposta superioridade estética. Essa suposta superioridade constitui um dos traços fundamentais para compreender a branquitude enquanto constructo ideológico. Aqui é importante pontuar que não há uma única definição para a branquitude e, segundo Schucman e Conceição (2023), quem estuda o conceito partilha do entendimento de que esse fenômeno foi instaurado e reafirmado no contexto da colonização e das sucessivas tentativas da elite branca brasileira, amparada pelo Estado, de promover o branqueamento da população, baseando-se em ideais racistas sustentados pelos discursos do mito da democracia racial e da Fábula das Três Raças. No presente artigo, penso a branquitude como operadora de um regime estético parcialmente "silencioso" - às vezes não tão silencioso assim- que organiza avaliações sobre corpos, tatuagens e sujeitos.

É nesse contexto que emerge a categoria *tatuagem de piranha*. As entrevistadas a utilizavam para descrever tatuagens caracterizadas por "linhas ruins" ou "estouradas", desenhos considerados "comuns", "cafonas" ou "bregas" e um aspecto "sujo", "manchado" ou "borrado". Trata-se de uma categoria rejeitada pelas entrevistadas, que buscavam se afastar do que ela representava. Argumento que ela constitui uma categoria de acusação racializada, generificada e periferizada e que atua como uma imagem de controle (COLLINS, 2022), organizando distinções morais, raciais, de sexualidade e

estéticas. Mais do que designar um tipo de tatuagem, essa categoria estabelece fronteiras entre o que pode ser entendido como bom gosto e mau gosto, respeitabilidade e vulgaridade, elegância e excesso.

Considero importante pensar o universo da tatuagem também como um mercado constituído por nichos específicos, como o das "tatuagens exclusivas" e "artísticas", bem como pelos diferentes estilos como o *realismo*, o *old school*, *fine line*, tatuagens de *pets*, entre outros. Esse mercado classifica os estúdios regularizados como empresas e investimentos lucrativos, nos quais há crescente especialização profissional, melhoria dos materiais utilizados, desenvolvimento de estratégias de divulgação em redes sociais e maior atenção às práticas de biossegurança. É nesse universo que se produzem e circulam critérios de avaliação estética, hierarquias de gosto e formas de reconhecimento profissional que servem de pano de fundo para as análises desenvolvidas neste artigo.

As entrevistadas

Realizei treze entrevistas em profundidade semiestruturadas, seguindo uma dinâmica de bola de neve e permitindo que as participantes compartilhassem suas experiências livremente, enquanto realizava perguntas-guia. Realizei também observação participante, participação observante em um estúdio de tatuagem e a construção de uma etnografia a partir dos dados produzidos em campo e nas entrevistas com mulheres jovens (de 20 a 30 anos), cisgêneras, brancas, de classe média, com formação universitária e com pelo menos uma tatuagem. Os dados básicos colhidos nas entrevistas foram: nome, idade, naturalidade, residência atual, escolaridade, ocupação, orientação sexual, autoidentificação racial e quantidade de tatuagens. Já os aspectos observados em campo tiveram como pontos principais as interações entre clientes e tatuadores (todos homens), familiares, acompanhantes, recepcionistas e outras clientes no cotidiano do estúdio descrito anteriormente, os momentos de feitura das tatuagens e as recomendações dos tatuadores para o cuidado pós-sessão (*aftercare*).

As interlocutoras compartilhavam características sociais semelhantes, o que permitiu observar regularidades nas formas como avaliavam tatuagens, escolhiam profissionais e justificavam seus gostos e preferências estéticas. Ao longo das entrevistas, tornou-se evidente que essas avaliações ultrapassavam aspectos estritamente técnicos, mobilizando classificações sobre corpos, estilos, profissionais e formas consideradas legítimas ou inadequadas de marcar a pele. Foi nesse contexto que emergiram categorias

como *boa tatuagem* e *tatuagem de piranha*, utilizadas para estabelecer distinções entre diferentes formas de tatuar e diferentes sujeitos.

Na próxima seção, discuto como a branquitude opera como um regime estético que estabelece parâmetros para a produção da chamada "boa tatuagem", analisando de que forma a pele branca é construída como suporte privilegiado para determinadas técnicas e estilos. Em seguida, examino como a categoria *tatuagem de piranha* organiza distinções de classe e territorialidade, articulando noções de bom gosto, profissionalismo e periferia. Por fim, analiso como essa categoria atua como imagem de controle sobre feminilidades, sexualidades e formas consideradas legítimas de autonomia corporal.

2. Branquitude, raça e a produção da "boa tatuagem"

As entrevistas evidenciaram que os julgamentos sobre tatuagens não se restringiam à avaliação dos desenhos em si, mas envolviam também avaliações sobre os corpos que os recebiam. A questão racial apareceu de diferentes maneiras ao longo das narrativas, especialmente nos momentos em que se atribuía à pele branca características consideradas positivas tanto pelas entrevistadas quanto por tatuadores e outros profissionais do meio. A pele branca (ou, como apareceu em diferentes ocasiões, "quanto mais branca melhor") era frequentemente descrita como a "tela ideal" para a tatuagem, sobretudo pelo discurso de que ela possibilitaria maior destaque às imagens, maior definição dos detalhes, melhor contraste entre linhas e cores e maior diversidade de estilos e técnicas.

Um dos momentos em que essa discussão apareceu ocorreu quando Kátia⁴, uma das entrevistadas, respondeu a uma pergunta sobre a existência ou não de impedimentos para fazer determinadas tatuagens em razão da cor da pele. Inicialmente, afirmou que essa questão faria "sentido para pessoas com pele negra", mas não para ela:

Ah o que eu ouvi era 'Ah, você pega muito sol então não usa determinada tinta porque o resultado vai ficar ruim' ou 'ah, esse tom, esse tipo de tatuagem que é muito colorida é melhor pra quem tem a pele mais clara que a sua'. Coisas assim, só. Entendi mais como uma avaliação técnica do que uma avaliação de algum preconceito racial, algo do tipo.

Logo em seguida, entretanto, sua narrativa desloca essa interpretação ao comentar a relação entre tatuadores e clientes negros:

⁴ Todos os nomes utilizados são fictícios, respeitando o anonimato garantido no momento das entrevistas.

Ah eu vejo muito, assim, tatuadores que se negaram a fazer tatuagem em peles muito negras em tom mais escuro de pele porque não vai ficar bom, porque nunca fez ou nem sabe como vai funcionar né? As pessoas, os tatuadores até hoje não entenderam a importância da demanda de pessoas negras que querem tatuar, né? Ainda mais se você fizer algum tipo de censo e ver que tem muitas pessoas negras que querem se tatuar, então... acho que perdem muito cliente por preconceito mesmo. Não tem experiência em tatuar peles negras, não sabe como reagir, qual o melhor pigmento, enfim. Porque eu acho que dá pra todo mundo se tatuar de alguma forma (...) hoje já tem tatuadores, principalmente tatuadores negros que se especializam em tatuagens em peles negras e outros tatuadores que buscam pelo menos estudar um pouco e tentar mudar, mas... assim, acho que a maioria dos tatuadores não, mas acho que hoje existe um movimento, tanto de inclusão de todas as formas, o mercado da tatuagem não é tão diferente dos demais então ele procura incluir de alguma maneira e... pensar em pessoas que antes ninguém tinha como cliente.

Perguntei então qual seria a razão dessa recusa e ela respondeu: "racismo mesmo." Percebo nessa fala um movimento marcado por dois posicionamentos aparentemente contraditórios. Em um primeiro momento, a existência de "algum preconceito racial" é afastada; logo depois, passa a ser explicitamente reconhecida. Ao mesmo tempo em que Kátia afirma não perceber sua própria cor de pele como um possível impedimento para realizar qualquer tipo de tatuagem, reconhece que pessoas negras enfrentam recusas, limitações técnicas e justificativas frequentemente apresentadas como neutras ou profissionais. Esse contraste é particularmente significativo porque revela a posição ocupada pela branquitude na produção dos critérios estéticos que organizam o universo da tatuagem. Considerar a própria pele como um suporte naturalmente adequado para qualquer desenho ou técnica aproxima-se daquilo que Schucman (2012; 2014) identifica como um dos traços constitutivos da branquitude brasileira: sua associação histórica à produção de uma suposta superioridade estética. Nessa perspectiva, a pele branca deixa de ser apenas uma característica corporal e passa a ocupar o lugar da norma a partir da qual outras corporalidades são comparadas.

Essa lógica apareceu em diferentes momentos das entrevistas. Quatro interlocutoras relataram que tatuadores lhes ofereceram tatuagens gratuitamente por considerarem que possuíam "a pele ideal" para determinados trabalhos. Segundo elas, essas tatuagens poderiam servir para ampliar portfólios, participar de convenções, concorrer a premiações ou simplesmente realizar projetos considerados artisticamente mais interessantes. Em todos esses casos, a escolha da cliente era justificada pela cor de sua pele.

É recorrente a valorização da pele "mais branca possível" no meio da tatuagem. As justificativas apresentadas variavam entre argumentos estritamente técnicos (como

maior contraste, melhor visualização das linhas, maior variedade cromática, como citado anteriormente) e o próprio desconhecimento sobre procedimentos adequados para tatuagens em peles negras. Ainda que algumas entrevistadas problematizassem essa valorização, nenhuma negava sua existência no cotidiano profissional da tatuagem. Mais do que uma preferência técnica, esses discursos produzem uma hierarquia estética dos corpos. A pele branca é construída como suporte privilegiado para a produção daquilo que passa a ser entendido como uma "boa tatuagem". Em consequência, determinados estilos, técnicas e resultados tornam-se indissociáveis de um corpo tomado como referência estética, enquanto outros corpos aparecem como limitações ou desafios técnicos.

Nesse sentido, a branquitude opera como um constructo ideológico (SILVA, 2017), produzindo não apenas classificações raciais, mas também critérios aparentemente objetivos sobre qualidade, beleza e técnica. A ideia de uma "boa tatuagem"⁵ não emerge exclusivamente da habilidade do tatuador ou das preferências individuais das clientes. Ela é produzida a partir de um regime estético que naturaliza a pele branca como padrão de comparação e, consequentemente, organiza os julgamentos sobre desenhos, estilos, profissionais e clientes. É justamente a partir desse regime estético que passam a fazer sentido as categorias utilizadas pelas entrevistadas para distinguir tatuagens consideradas "bonitas", "bem-feitas", "limpas" e "profissionais" daquelas classificadas como "cafonas", "bregas", "comuns" ou "malfeitas". A categoria *tatuagem de piranha* emerge, portanto, não como um julgamento isolado, mas como um dos efeitos desse sistema de classificações que transforma diferenças sociais em diferenças estéticas.

A tatuagem de piranha: distinção, classe e periferia

Se a seção anterior demonstrou que a branquitude produz um regime estético que estabelece parâmetros para definir o que seria uma "boa tatuagem", as entrevistas mostram que esses critérios são continuamente mobilizados para produzir distinções entre diferentes grupos sociais. A categoria *tatuagem de piranha* surge justamente nesse contexto, funcionando como um mecanismo de classificação que ultrapassa a avaliação de desenhos específicos e passa a organizar diferenças de gosto, classe e pertencimento social. Para as entrevistadas, o ato de se tatuar constituía um processo de subjetivação, construção da identidade e diferenciação. Entretanto, essa diferenciação não consistia

⁵ A "boa tatuagem" também é aquela que pode ser considerada como arte.

simplesmente em "ser diferente". Tratava-se de produzir uma diferença considerada legítima, capaz de preservar a respeitabilidade, o profissionalismo e o status social. Nesse sentido, a busca pela singularidade era constantemente acompanhada pela preocupação em se afastar de determinadas estéticas percebidas como inferiores.

Esse movimento aparecia na maneira como descreviam suas próprias tatuagens e, sobretudo, aquelas que não faziam. Era frequente o uso de categorias como "bem-feita", "bonita", "limpa", "higiênica" e "profissional" para qualificar suas escolhas, em oposição a tatuagens consideradas "comuns", "cafonas", "bregas", "malfeitas", "banais" ou "sem graça". Mais do que preferências individuais, esses termos funcionavam como marcadores de distinção social. Os discursos das entrevistadas articulavam-se frequentemente por meio de exemplos e narrativas detalhadas sobre tatuagens que julgavam negativamente. As chamadas tatuagens "comuns", "cafonas", "clichês", "feias" ou "malfeitas" apareciam como contraponto necessário para afirmar a qualidade das próprias escolhas. A categoria *tatuagem de piranha* condensava muitas dessas avaliações, tornando-se uma forma de nomear aquilo de que buscavam se distanciar.

Essa diferenciação também aparecia na avaliação dos lugares considerados legítimos para realizar uma tatuagem. As entrevistadas apontavam que aceitariam tatuar-se apenas em estúdios ou ateliês individuais de artistas reconhecidos. Esses espaços deveriam ser "limpos", organizados, de fácil acesso e localizados em bairros considerados conhecidos ou valorizados, como Copacabana, Ipanema, Icaraí e Boa Viagem. Lugares mais afastados ou situados em regiões periféricas eram frequentemente descritos como opções menos desejáveis, ainda que algumas reconhecessem a existência de "um ou outro profissional interessante".

Da mesma forma, os artistas considerados mais prestigiados eram aqueles que circulavam entre estúdios reconhecidos nacional e internacionalmente, atuavam como *guests* em outras cidades ou países e possuíam portfólios valorizados pelas entrevistadas. O prestígio profissional aparecia, portanto, associado não apenas à técnica, mas também aos circuitos de circulação, aos espaços ocupados e ao reconhecimento conferido pelo próprio mercado da tatuagem. Essas hierarquias também apareciam quando comentavam determinados estilos e motivos de tatuagem. Em uma das entrevistas, Kátia afirma:

Acho que a tatuagem aquarelada que surgiu, a técnica ... é, a técnica de aquarela é muito complexa e muito linda, mas a maneira como ela surgiu e viralizou pela internet mesmo eu acho muito cafona. **Eu tenho uma tatuagem de aquarela, mas eu acho diferente do que eu vejo por aí**, que as pessoas acreditam que é um borrão de tinta sem contorno é aquarela. Não necessariamente. **Eu acho muito cafona esse tipo de**

tatuagem. Ah.. e porra, é foda falar porque essas tatuagens que são mais vistas **em periferia** ou em lugares onde é mais difícil o acesso a um... sei lá, como falar isso, mas é muito visto em periferia que são desenhos de, é rosto, escritas de nome com coraçãozinho, ah, essas coisas eu acho bem feio, embora esteja se reinventando né (Kátia) [grifo meu].

Essa fala evidencia que a avaliação estética não recai apenas sobre o desenho, mas também sobre os sujeitos aos quais essas tatuagens são associadas. A referência explícita à periferia demonstra que determinadas escolhas visuais passam a funcionar como marcadores sociais, aproximando gosto estético e pertencimento de classe. Dizer que a *tatuagem de piranha* atua como uma categoria periferizada significa reconhecer que o julgamento produzido por ela não incide exclusivamente sobre tatuagens, mas também sobre pessoas, trajetórias e espaços sociais. Ao descreverem suas próprias tatuagens como "bem-feitas", "bonitas" e "higiênicas", as entrevistadas produzem um distanciamento simbólico em relação a grupos percebidos como pertencentes às periferias sociais, reforçando uma associação entre bom gosto, profissionalismo e determinadas posições de classe.

Nesse sentido, a categoria opera como um mecanismo de distinção. Ao mesmo tempo em que produz singularidade para aquelas que a mobilizam, ela estabelece fronteiras entre formas consideradas legítimas e ilegítimas de marcar o corpo. A oposição entre "boa tatuagem" e *tatuagem de piranha* transforma diferenças sociais em diferenças estéticas, permitindo que julgamentos sobre gosto funcionem também como julgamentos sobre classe e pertencimento territorial. Entretanto, a categoria não organiza apenas distinções de classe. As narrativas das entrevistadas mostram que ela também estabelece expectativas específicas sobre feminilidade, sexualidade e respeitabilidade, aspectos que serão discutidos na seção seguinte.

3. Feminilidades e autonomia sobre o corpo: sexualidade, respeitabilidade e distinção

Se a categoria *tatuagem de piranha* organiza distinções de gosto, classe e pertencimento social, ela também produz classificações específicas sobre as feminilidades consideradas legítimas. Mais do que avaliar desenhos, essa categoria estabelece limites para a autonomia corporal das mulheres ao definir quais formas de marcar o corpo permanecem compatíveis com a respeitabilidade e quais passam a ser

associadas à vulgaridade, ao excesso e à hiper sexualização. Kátia sintetiza parte dessas tensões ao narrar sua própria trajetória com a tatuagem:

Na época em que fiz a primeira tatuagem, não era comum você levar um desenho para o tatuador ou conhecer tantos estúdios como hoje em dia. Era muito comum que você fizesse uma tatuagem de portfólio (...) e a escolha do lugar pra mim, no início, era uma preocupação em não deixar nada muito exposto ou tentar fugir um pouco do estereótipo negativo da tatuagem, né, tatuagem nas mãos, no pescoço, eu evitava essas áreas. Hoje já tenho uma tatuagem na mão, rompi um pouco com esse estereótipo que exista, é... e sempre fui pensando numa maneira, na tatuagem como adorno, então ficava pensando no que ficaria mais bonito e mais, não sei, que tivesse uma maleabilidade com o corpo. Ao mesmo tempo era uma vontade de não ter uma tatuagem como uma coisa escondida, acabei fazendo em lugares mais expostos (Kátia).

Sua primeira tatuagem foi realizada aos quatorze anos, como presente de Natal dos pais. Ao longo dos anos, outras tatuagens também foram dadas pelos familiares, até que passasse a possuir renda própria e pudesse decidir sozinha sobre novas marcações corporais. Ainda assim, essa autonomia era constantemente negociada. Segundo Kátia, seus pais não eram contrários às tatuagens, mas acreditavam que existia um limite entre possuir tatuagens e "ser muito tatuada"⁶. Essa negociação apareceu de diferentes formas nas entrevistas. Mais do que uma decisão tomada em um único momento da vida, tatuar-se constituía um processo composto por diversas etapas: a escolha do tatuador ou tatuadora, a elaboração do desenho, a seleção da parte do corpo, os cuidados anteriores e posteriores às sessões e as sucessivas decisões sobre continuar ou não tatuando o próprio corpo. Cada uma dessas escolhas era atravessada por avaliações sobre aparência, profissionalismo, aceitação social e respeitabilidade.

As entrevistadas também demonstravam preocupação com os espaços onde as tatuagens eram realizadas. Estúdios considerados limpos, organizados e esterilizados ("quase como consultórios médicos") eram percebidos como garantia de responsabilidade técnica e profissionalismo. Em contrapartida, tatuagens realizadas em festas, casas particulares ou locais considerados improvisados apareciam como escolhas inadequadas,

⁶ A noção sobre o que seria uma mulher com muitas tatuagens é variável e não pude precisar sobre o que os interlocutores estavam falando exatamente quando descreviam essa tal imagem ou pessoa que seria muito tatuada. Para alguns, seriam mulheres com tatuagens à mostra, em locais como mãos, pescoço e rosto. Para outros, era uma questão de "não ter mais espaço no corpo" onde se podia ver pele sem tatuagens ou de ter tatuagens "muito grandes".

assim como tatuadores cuja aparência era interpretada como pouco profissional ou pouco cuidadosa⁷. Essas avaliações sobre higiene, organização e profissionalismo não se restringiam aos espaços de tatuagem. Elas também apareciam associadas aos corpos de outras mulheres. Um dos aspectos negativos atribuídos às mulheres "muito tatuadas" era sua associação à sexualidade. Frequentemente, essas mulheres eram descritas como "muito sexualizadas" e, em menor escala, como "lésbicas". Ao mesmo tempo, preocupações com a inserção no mercado de trabalho também apareciam nas narrativas. Professoras mencionavam receios em relação à reação de pais e responsáveis; outras entrevistadas relatavam medo de serem percebidas como pouco profissionais, irresponsáveis ou desleixadas por empregadores e colegas de trabalho.

Nesse contexto, a categoria *tatuagem de piranha* passa a funcionar como uma imagem de controle (COLLINS, 2022). Ela não designa apenas um tipo específico de tatuagem, mas também determinadas formas de ser mulher. É utilizada para descrever mulheres consideradas excessivamente sexualizadas ou que se comportariam de maneira interpretada como voltada a "atrair homens", estabelecendo fronteiras entre feminilidades consideradas respeitáveis e aquelas percebidas como inadequadas. Kátia comenta essa relação ao refletir sobre a maneira como a tatuagem continua sendo percebida socialmente:

Acho que a tatuagem ainda é um recurso que a sociedade encara como sexualizador da mulher, acho que isso é muito preocupante porque é mais uma forma de você colocar mais algum tipo de castração na pessoa, embora a gente entenda o ato de fazer uma tatuagem, de sair na rua tatuado, como uma libertação, pra mulher ainda castra nesse sentido.

Sua fala evidencia uma tensão constante entre autonomia corporal e controle social. Ainda que tatuar-se possa ser entendido como exercício de liberdade, essa liberdade permanece condicionada às formas socialmente aceitáveis de exercer essa autonomia. Segundo Ferrari (2016), noções como vulgaridade, baixeza, sensualidade e elegância operam na produção de diferenças entre feminilidades. Enquanto sensualidade e elegância aparecem como atributos desejáveis, vulgaridade e baixeza constituem categorias estigmatizantes. A autora demonstra que aquilo considerado vulgar corresponde, frequentemente, ao excesso de atributos inicialmente valorizados. A

⁷ Ainda que essa ideia sobre a possível falta de profissionalismo de tatuadores tenha aparecido nas falas das entrevistadas, nenhuma delas entrou em detalhes sobre como seria exatamente essa aparência não profissional para além da limpeza ou sujeira do ambiente.

oposição entre sexy e vulgar não é absoluta; ela depende dos limites socialmente estabelecidos para aquilo que pode ou não ser exibido. Essa oposição apareceu reiteradamente nas entrevistas. As interlocutoras buscavam produzir tatuagens consideradas elegantes, bonitas, originais e estilosas, ao mesmo tempo em que rejeitavam tatuagens percebidas como vulgares, cafonas ou exageradas. A preocupação não consistia em evitar qualquer manifestação de sensualidade, mas em impedir que essa sensualidade ultrapassasse aquilo que entendiam como um limite aceitável.

Assim, a autonomia corporal dessas mulheres era exercida em um campo de tensões no qual o desejo de marcar o corpo precisava demonstrar continuamente seu afastamento de atributos associados à vulgaridade, à promiscuidade ou à agressividade. A categoria *tatuagem de piranha* sintetiza esse processo ao funcionar como um mecanismo que disciplina feminilidades por meio de classificações estéticas aparentemente neutras. Ao rejeitarem essa categoria, as entrevistadas não apenas expressam preferências sobre tatuagens, mas também reafirmam expectativas sociais acerca de quais formas de ser mulher permanecem compatíveis com a respeitabilidade. A *tatuagem de piranha*, portanto, não atua apenas como uma categoria de gosto. Ela opera como uma imagem de controle que articula raça, classe, gênero e sexualidade, produzindo limites para a autonomia corporal ao mesmo tempo em que reafirma hierarquias sociais por meio da linguagem da estética.

Conclusão

Ao longo deste artigo procurei demonstrar que a categoria *tatuagem de piranha* não pode ser compreendida apenas como uma forma de classificar determinados desenhos ou estilos de tatuagem. Antes que essa categoria pudesse produzir acusações morais ou estéticas, foi possível observar a existência de um regime estético organizado pela branquitude que estabelece parâmetros para definir quais corpos são considerados suportes ideais para a tatuagem e quais características passam a ser valorizadas como indicadores de qualidade. Nesse contexto, a chamada "boa tatuagem" deixa de ser uma categoria exclusivamente técnica para constituir um julgamento socialmente produzido.

A partir desse regime estético, as entrevistadas mobilizam critérios de gosto que transformam diferenças sociais em diferenças estéticas. Ao qualificarem suas próprias tatuagens como "bonitas", "bem-feitas", "limpas", "higiênicas" e "originais", produzem simultaneamente um distanciamento em relação a tatuagens e sujeitos associados ao mau gosto, à periferia, ao excesso e à falta de profissionalismo. O gosto funciona, assim, como

um dispositivo de racialização que organiza hierarquias de classe, pertencimento territorial e respeitabilidade. É nesse processo que a categoria *tatuagem de piranha* adquire centralidade. Mais do que nomear um tipo específico de tatuagem, ela estabelece fronteiras entre formas legítimas e ilegítimas de marcar o corpo feminino. Ao utilizarem essa categoria para definir aquilo que não desejam ser, as mulheres brancas de classe média mobilizam a branquitude como parâmetro para regular os limites de sua própria autonomia corporal. A singularização proporcionada pela tatuagem torna-se possível desde que não ameace sua posição de respeitabilidade social.

As entrevistas mostram que as interlocutoras não deixavam de fazer tatuagens em razão desses limites. Pelo contrário, negociavam continuamente suas escolhas de modo a produzir diferenciação sem romper com expectativas sociais relativas ao profissionalismo, à elegância, ao bom gosto e à feminilidade. As apreensões sobre o tamanho das tatuagens, os lugares do corpo, os estilos escolhidos e a quantidade de marcações revelam que a autonomia corporal é exercida em permanente negociação com normas sociais que classificam determinadas formas de apresentação de si como desejáveis e outras como excessivas ou inadequadas. Nesse sentido, argumento que a *tatuagem de piranha* opera como uma imagem de controle (COLLINS, 2022). Ela articula raça, classe, gênero e sexualidade ao transformar diferenças sociais em diferenças estéticas aparentemente naturais. Seu funcionamento não depende da proibição direta da tatuagem, mas da produção de fronteiras simbólicas entre aquilo que pode ser percebido como elegante, artístico e respeitável e aquilo que é classificado como vulgar, cafona ou inadequado. O controle social é exercido, portanto, pela ameaça constante de rebaixamento simbólico dirigida às mulheres que ultrapassam os limites do gosto legitimado pela branquitude.

Ao deslocar o olhar para essa categoria êmica, o artigo procura demonstrar que os julgamentos sobre tatuagens dizem respeito não apenas às imagens inscritas na pele, mas também às relações de poder que organizam os corpos, os gostos e as formas consideradas socialmente legítimas de existir. A análise da *tatuagem de piranha* permite compreender como a estética participa da produção cotidiana da branquitude e de seus mecanismos de distinção, mostrando que as classificações sobre tatuagens constituem, ao mesmo tempo, classificações sobre pessoas.

Referências bibliográficas

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

FERRARI, Fernanda. *Piriguetes e Princesas*: moda, sexualidade e performances de gênero na sociedade contemporânea. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Arte, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

OSÓRIO, Andréa. O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. *Contemporânea*, n. 5, 2005.

SCHUCMAN, Lia Vainer; CONCEIÇÃO, William Luiz da. *Branquitude*. In: Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas. Org: Flávia Rios, Marcio André dos Santos, Alex Ratts. 1ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude: a identidade racial branca refletida em diversos olhares. In: (org) BENTO, M. A. S. [et al]. *Identidade, branquitude e negritude*: contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. São Paulo, Casa do Psicólogo. p. 111-126, 2014.

SCHUCMAN, Lia. Vainer. *Entre o 'encardido', o 'branco' e o 'branquíssimo'*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. Tese de doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Flávia Cunha da. A relação entre “tatuagens femininas”, subjetividade e a interseccionalidade de marcadores sociais da diferença. In: *Seminário Internacional Desfazendo Gênero*: com a diferença tecer a resistência, 3. Paraíba, 2017. [Anais do evento].